

EDITORIAL

Esperamos que todos tenham passado um bom Natal com suas respectivas famílias e que o ano de 2012 esteja começando cheio de alegrias para todos.

Após férias coletivas, a diretoria do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (Ceib) voltou às suas atividades normais em outro local, cedido, com enorme boa vontade, pela diretora do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor/EBA/UFGM), professora Bethania Reis Veloso, a quem agradecemos de todo coração.

As prioridades da diretoria, neste início de ano, são as publicações das revistas Imagem Brasileira 5 e 6. Para a de número 5, que terá como conteúdo as conferências e comunicações apresentadas no VI Congresso do Ceib, realizado no Rio de Janeiro em 2009, já obtivemos a aprovação da Lei Federal de Incentivo à Cultura, Lei Rouanet. Falta, entretanto, conseguir o patrocínio de alguma empresa que, segundo essa lei, terá o benefício de diminuição de seus impostos federais. Pedimos desculpas aos conferencistas e comunicadores por essa demora não prevista e esperamos obter, este ano, os recursos para sua publicação.

Para a Imagem Brasileira, número 6, tivemos uma informação da possibilidade de sua publicação por uma instituição, e estamos estudando as condições para que esse fato possa acontecer.

Neste mês de março estaremos enviando os boletos das anuidades para os associados. Se alguém tiver interesse em pagar em parcelas (uma que deverá ser paga até 13 de abril e outra no mês de setembro), entre em contato com nossa estagiária Daniela Cristina Ayala, no e-mail: ceib@ceib.org.br.

IMAGENS DE VESTIR: da procissão ao oratório

Maria Regina Emery Quites*
Gerusa de Alkmim Radichi**

Foto: Gerusa Radichi



FIGURA 1 - Nossa Senhora da Boa Morte. 20 cm de altura.
Museu de Arte Sacra de São João del Rei

1. Introdução

As Constituições do Arcebispado da Bahia¹ de 1707 proíbem que se façam novas imagens de vestir, mandando que as imagens de vulto sejam feitas de corpos inteiros, de maneira que se evitem os vestidos, por serem assim mais “decentes”. É ordenado que as imagens de vestir antigas sejam adornadas de forma que não se possam notar indecências nos rostos, vestidos ou toucados. Entretanto as imagens de vestir continuam sendo encomendadas e são muito utilizadas no século XVIII e XIX. Nos relatos das Visitas Diocesanas de Dom Frei José da Santíssima Trindade² que abrange o período de 1820 a 1835, na Diocese de Mariana-MG, não encontramos nenhuma proibição às imagens de vestir, ao contrário, são até descritas. Há, no entanto, uma preocupação de ressaltar sempre a “decência” de todas as imagens, e o seu caráter de “devota e respeitável”.

A imagem de vestir é muitas vezes considerada como uma arte menor, econômica e somente fruto de manifestações populares e proces-

sionais, sendo-lhe, inclusive, muitas vezes negada sua condição de arte escultórica.

Defendemos uma revisão de conceitos³ sobre as imagens de vestir, considerando que possuem múltiplas funções devocionais, que lhes conferem uma estética própria e uma força devocional que nos levam a tratá-las como importante documento histórico e social de nossa cultura. São usadas tradicionalmente em procissões, permitindo muitas vezes, que uma mesma imagem possa ser utilizada em mais de uma representação iconográfica (um Cristo crucificado pode ser também um Cristo morto). Em Minas Gerais há retábulos feitos originalmente para entronizá-las, portanto são imagens retabulares também. Foram utilizadas em sermões e teatros sacros efêmeros e também utilizadas em pequenos nichos de capelas, sacristias e oratórios para o culto doméstico.

Foram produzidas concomitantemente às imagens de talha inteira, douradas e

policromadas, portanto não são uma categoria escultórica de decadência, e tampouco são econômicas, visto a utilização de ricos tecidos e acessórios. Temos ainda a observar que existem imagens de vestir de fatura primorosa, principalmente considerando a escultura e policromia das partes visíveis, como cabeças e mãos. Esculturas inclusive executadas por mestres, como por exemplo, Aleijadinho.

2. Revisão da literatura no Brasil

Sobre as imagens de vestir de grande dimensão, temos trabalhos publicados em artigos isolados e considerados pioneiros no Brasil. Seus autores são sempre mineiros e baianos, o que nos faz inferir sobre a importância dessas imagens nestes dois estados brasileiros. Esses artigos⁴, publicados em revistas das décadas de 70 e 80 do século XX são, em Minas Gerais, de Cunha e Paiva, e na Bahia, de Marques, Santana e Paranhos. Todos esses trabalhos reconhecem o descrédito dessas imagens, considerando que merecem ser melhor conhecidas. Também em Minas e na Bahia foram defendidas duas dissertações de mestrado⁵, ambas de 1997, que analisam conjuntos específicos e enfatizam a necessidade de maiores estudos sobre esta categoria escultórica. Mais recentemente Flexor,⁶ na Bahia e Rabelo,⁷ no Rio de Janeiro, publicaram artigos reconhecendo a importância das imagens de vestir. Há também artigos internacionais⁸ publicados principalmente na Espanha, considerada a pátria da imagem de vestir.

Em todas as referências nacionais encontradas, apenas Santana e Paranhos mencionam especificamente as imagens de vestir de pequenas e médias dimensões.

Geralmente as imagens de vestir com mais de um metro de altura eram as que saíam nas procissões. As com menos de 1 metro eram utilizadas para culto particular. As menores, de 50 cm, podem ser consideradas miniaturas, foram peças utilizadas nas armações os grandes presépios que também tiveram sua glória na época⁹.

A pesquisa até então desenvolvida abrangeu sempre as imagens de grande dimensão ou próximas do tamanho natural. Considerando a relevância das

imagens de vestir no contexto da escultura devocional e, buscando suprir uma lacuna referente às imagens de pequena dimensão na cultura religiosa, propomos este estudo, como pesquisa financiada pela Fapemig, com bolsista de Iniciação Científica¹⁰, aluna do curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis.

3. Metodologia

Trabalhamos com 514 imagens de vestir inventariadas em importantes cidades mineiras, entre elas: Ouro Preto, São João del-Rei, Mariana, Sabará e Diamantina. Para a classificação das imagens de vestir em pequenas e médias dimensões, foram adotados parâmetros de comparação em relação às técnicas e características já conhecidas para as imagens de grande dimensão. O primeiro desafio foi definir as medidas de altura para essas imagens. Para tanto, baseadas nos estudos anteriores sobre as imagens de vestir e também na ideia de que as imagens de grande dimensão se aproximariam das proporções humanas, elementos essenciais para o teatro sacro, estabelecemos os seguintes parâmetros:

PARÂMETROS ESTABELECIDOS

Pequena dimensão até 60 cm
Média dimensão de 60 a 110 cm
Grande dimensão acima de 110 cm

Tabela 1: dimensões e alturas pré-definidas

Após a criação do parâmetro dimensional, definimos as características técnicas e materiais a serem observadas e que seriam mais comuns às imagens de vestir: vestes, articulações, corpo inteiro ou roca, cabeleiras, olhos de vidro. A iconografia e a possível datação, também foram analisadas.

O primeiro levantamento foi realizado em arquivos, inventários e acervos de imagens devocionais abrangedores de todo o Estado. Também a bibliografia a respeito da imaginária religiosa das cidades históricas mineiras foi estudada. Na etapa seguinte, com base nos dados obtidos, traçamos um roteiro de visitas aos locais onde se encontravam as imagens de maior importância histórica, formal, estilística e técnica. Dessa forma, algumas imagens puderam ser fotografadas e estudadas mais minuciosamente.

FONTES DA PESQUISA

1.Arquivos do Cedor/EBA/UFMG

2.Arquivos do Iepha relativo aos dossiês municipais do patrimônio cultural

3.Inventário de Bens Culturais Iphan / Minas Gerais

4.Inventário do Museu Mineiro (Belo Horizonte)

5.Inventário do Museu da Inconfidência (Ouro Preto)

6.Acervo do Museu de Arte Sacra da Matriz do Pilar (Ouro Preto)

6.Acervo do Museu Aleijadinho da Matriz de Antonio Dias (Ouro Preto)

7.Acervo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Sabará)

8.Acervo do Museu de Arte Sacra de Mariana

9. Acervo e Inventário do Museu de Arte Sacra de São João del-Rei

Tabela 2: Arquivos e museus visitados

Para a sistematização e entrecruzamento das informações encontradas e o levantamento das estimativas, foi desenvolvido um banco de dados. A partir dele foram produzidos gráficos comparativos.

4. Resultados.

4.1. Quantidade e proporção das imagens de vestir de grande, média e pequena dimensão.

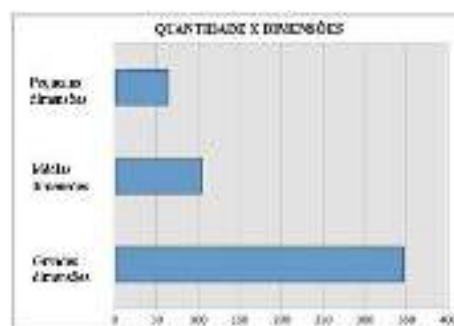


Gráfico 1 - Dimensões encontradas

Das 514 imagens estudadas, a proporção em relação à dimensão foi de 67% de grande porte, 20% de médio e 13% de pequeno. As imagens de pequenas e médias dimensões juntas representaram cerca de um terço das imagens de vestir encontradas. A menor imagem encontrada foi uma Nossa Senhora da Boa Morte, do

do Museu de Arte Sacra de São João del-Rei, possuindo apenas 20 cm. (FIG. 1).

4.2. Principais devoções encontradas de pequenas e médias dimensões.

Considerando apenas as imagens de média e pequena dimensões as iconografias mais encontradas foram: Nossa Senhora das Dores (24); Senhor dos Passos (24); São Francisco de Assis (14); Menino Jesus (12); Nossa Senhora das Mercês (11); Nossa Senhora da Boa Morte (8); Nossa Senhora do Carmo (6); Santa Efigênia (5); Santo Antônio (3) e Nossa Senhora do Amparo (3) (Gráfico 2).

Somente quatro imagens de pequenas e médias dimensões estão vinculadas a presépio¹¹, com destaque para os dois Reis Magos (60 e 57 cm de altura) do acervo do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, datáveis de 1794 e atribuídas a Aleijadinho, de acordo com as referências documentais apresentada pelo inventário do Museu (FIG. 2).

4.3. Principais técnicas construtivas encontradas

A presença de articulação foi a característica mais comum, sendo encontrada em 88% das imagens. Uma característica marcante, encontrada em 63% das esculturas é a existência significativa das imagens com o corpo inteiro esculpido (anatômico), ou semi-esculpido com a presença de pernas e pés, ou seja sem a presença da roca. Cabeleiras naturais ou sintéticas foram

Foto: Acervo do Museu da Inconfidência / Ibram/MinC



FIGURA 2 - Rei Mago. 57 cm.
Figura de presépio atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Museu da Inconfidência, Ouro Preto.

encontradas em 48% e olhos de vidro em 36% delas (FIG. 3, 4 e 5).

As características construtivas de várias imagens, como a rica policromia da carnação, a complexidade das articulações, a presença dos olhos de vidro, os atributos e ornamentos como metais, gemas, têxteis ricos, apontam para uma fatura primorosa e singular.

4.4 Vestes

Foram realizadas avaliações das vestes das imagens, levando-se em conta as seguintes características: fatura original, produção

Fotos: Gerusa Radichi



FIGURA 3 - Imagem de vestir não identificada, 22 cm de altura.
Museu da Matriz do Pilar, Ouro Preto.



FIGURA 4 - Detalhe da figura 3.
Características da escola de Mestre Piranga. Presença de olhos de vidro e cabelos esculpidos.

têxtil recente; deteriorações e a constatação de tecidos sintéticos. Em 63% dos casos as vestes originais não existem e as que encontramos são de fatura recente (FIG. 6 e 7).

Das poucas vestes encontradas apenas 37% apresentam manufaturas atribuíveis a períodos anteriores ao século XX e estão em mau estado de conservação. Algumas feitas com tecidos nobres, como a Nossa Senhora do Carmo (FIG. 8 e 9), que possui vestes em cetim na cor branca, manto ornado com aplicações de canutilhos de metal flexível e cinto de couro liso com fivela quadrangular e incrustação de 16 crisólitas lapidadas.

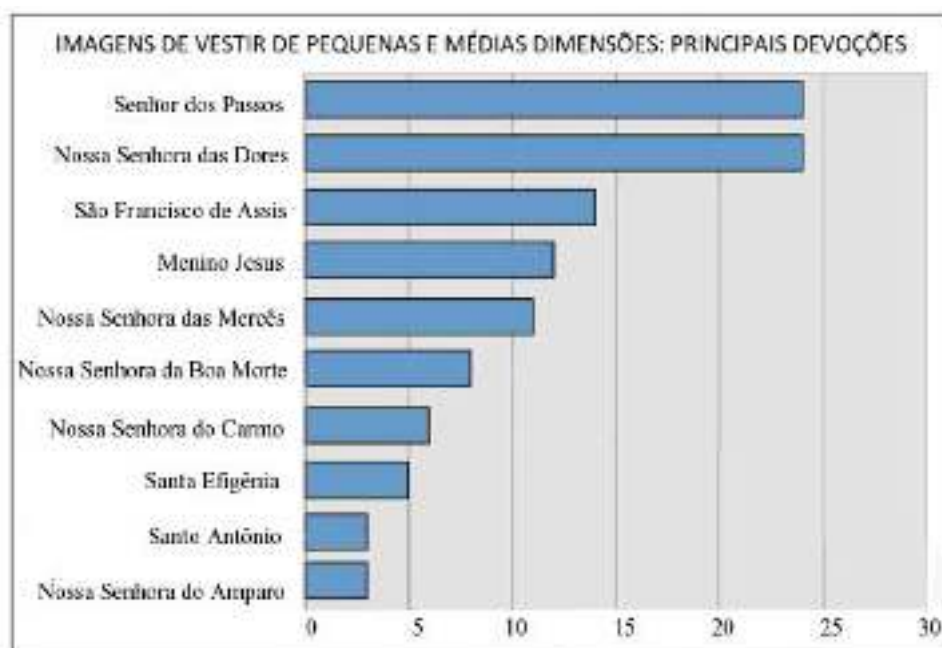


Gráfico 2: Devoções mais encontradas

Foto: Museu de Arte Sacra de São João del-Rei



FIGURA 5- Senhor dos Passos, século XIX. Imagem anatômica. 45 cm de altura - Museu de Arte Sacra de São João del-Rei

Foto: Gerusa Radichi



FIGURAS 6 e 7- Nossa Senhora das Dores. 41 cm de altura. Museu de Arte Sacra de São João del-Rei. Vestes recentes

Foto: Museu de Arte Sacra de São João del-Rei



A imagem de vestir é uma categoria de escultura mais afeita à aproximação do devoto, que doa e troca suas vestes, oferece uma nova cabeleira, prepara seu andor ou oratório para as festas sacras, sendo portanto, em sua essência, uma manifestação da religiosidade popular.

Assim, durante as festividades religiosas, a cada ano, as vestes são presenteadas pelos devotos, constantemente substituídas, renovadas ou recortadas e reutilizadas (FIG. 10). Os têxteis, principalmente as fibras naturais, são um material mais frágil, o que também explica em parte o seu desaparecimento.

5 - Considerações finais

Após a realização da pesquisa, podemos assegurar a existência de um número considerável de imagens de pequeno a médio porte encontradas em Minas Gerais e também afirmar a função devocional de culto doméstico da imagem de vestir. É importante constatar que as devoções mais comuns encontradas, são Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor dos Passos, exatamente as mesmas iconografias, também muito frequentes em imagens processionais de vestir de grandes dimensões, comuns desde o início do século XVIII e usadas até hoje em Minas Gerais na Semana Santa.

Essas imagens extrapolaram o ato litúrgico e passaram a servir à forte demanda social, sobretudo porque sua presença em ambientes domésticos estava relacionada ao status social e à demonstração do poder econômico.¹² Elas representam a fusão dos sistemas de práticas e de representações da religiosidade oficial com a religiosidade popular, desdobrando-se e mesclando-se das igrejas para as procissões e destas para oratórios e cultos domésticos, e ainda, desses para museus, colecionadores e antiquários.

As imagens deveriam estar sempre “decentes” e “perfeitas”, e o ato de doar

Fotos: Acervo do Museu da Inconfidência. Ibram/MinC



Figuras 8 e 9 - Nossa Senhora do Carmo. 40 cm de altura. Museu da Inconfidência, Ouro Preto

Foto: Gerusa Radichi



Figura 10 - Fragmentos de rendas de fios metálicos das vestes encontradas.

as vestes, fazer uma cabeleira nova e vestir as imagens durante as festividades religiosas fazem parte do culto, da devoção, é um voto de súplica ou de agradecimento por uma graça alcançada. É um ritual, uma forma de relacionamento com o sagrado.

Outro ponto importante a ser observado diz respeito ao trabalho de preservação dessas imagens. Ele deve começar com o próprio conhecimento da existência dessas imagens e o reconhecimento das vestes como material de registro das técnicas de manufatura têxteis, como dos hábitos e da relação estabelecida entre as imagens e a sociedade. Sobre este último ponto de vista, as vestes, mesmo quando não originais, são testemunhos das práticas devocionais e devem ser preservadas.

Em última instância, o reconhecimento do material têxtil como acervo é também o reconhecimento de que, a categoria da imagem de vestir é tão importante e rica quanto as demais categorias escultóricas.

NOTAS E REFERÊNCIAS

¹ CONSTITUIÇÕES Primeiras do Arcebispado da Bahia. Por Dom Sebastião Monteiro da Vide. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853. 5 v.

² TRINDADE, José da Santíssima, Dom Frei, **Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998, 446 p. (Mineiriana, Série Clássicos).

³ QUITES, Maria Regina Emery. **Imagens de vestir**: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as ordens terceiras franciscanas do Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Ifich) Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2006. Orientador: Luciano Migliaccio.

⁴ CUNHA, Maria José de Assunção da. Imagens de roca, imagens de vestir. **Anuário do Museu da Inconfidência. Ouro Preto**: v.6, p.247-257, 1979. PAIVA, Marco Elísio de. Imagens religiosas articuladas, o teatro místico religioso do barroco. **Mamulengo**: Revista da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, Belo Horizonte, n. 8, p.19, 1979. MARQUES, Lúcia. **Metodologia para o cadastramento de escultura sacra-imaginária**. Salvador: Contemp, 1982. SANT'ANA, Gilca e PARANHOS, Valdete.

Imagens barrocas de roca da Bahia. Revista **Barroco**, Belo Horizonte, n.12, p. 113- 126, dez. 1981.

⁵ QUITES, Maria Regina Emery. **A imaginária processional na Semana Santa em Minas Gerais: estudo realizado nas cidades de Santa Bárbara, Catas Altas, Santa Luzia e Sabará**. 1997. Dissertação (Mestrado em Artes) Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Orientadora: Beatriz Ramos de Vasconcelos Coelho. OLIVEIRA, Selma, Soares de. **Imagens de roca: uma coleção singular na Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. 1997. Dissertação (Mestrado em Artes) Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes.

⁶ FLEXOR, Maria Helena. Imagens de Roca e de Vestir na Bahia. In: **Revista OHUN**. Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA, Ano 2, nº 2, outubro 2005.

⁷ RABELO, Nancy Regina Mathias. Por baixo dos panos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 66-71, 29 abr. 2010.

⁸ Ver revisão da literatura em QUITES, 2006.

⁹ SANT'ANNA, Gilca; PARANHOS, Valdete Celino. 1981, p.4. Imagens barrocas de roca da Bahia. Revista **Barroco**, Belo Horizonte, n.12, p. 113- 126, dez. 1981.

¹⁰ A aluna Gerusa Alkmim Radicchi recebeu por esse trabalho Menção Honrosa na Semana do Conhecimento da UFMG em 2010.

¹¹ Ver AMBROSIO, Eliana. Tipologias presepiais a partir de seus elementos cenográficos. **Boletim do CEIB**. Belo Horizonte, volume 15, Numero 48, março/ 2011.

¹² RUSSO, Silveli Maria de Toledo. Espaço doméstico, devoção e arte: a construção histórica do acervo de oratórios brasileiros, séculos XVIII e XIX. Tese de Doutorado. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. USP: 2010.

***Maria Regina Emery Quites** é professora do Departamento de Artes Plásticas / CECOR / Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Conservadora-Restauradora, especialista em escultura em madeira policromada com doutorado em História da Arte.

****Gerusa de Alkmim Radicchi** é historiadora, graduada pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da

Universidade Federal de Minas Gerais e graduanda em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.



Esta pesquisa foi realizada graças ao financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig)

As autoras agradecem a todas as instituições e, em especial, ao Museu da Inconfidência, ao Museu da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto e ao Museu de Arte Sacra de São João del-Rei pela acolhida cordial.

DOAÇÕES

O Centro de Estudos da Imaginária Brasileira agradece as doações que recebeu para sua *Biblioteca Helena David*, dos livros e revistas listados abaixo com o nome dos seus respectivos doadores:

Dr. José António Falcão. Beja, Portugal
-*Terra sem sombras festival de música sacra do Baixo Alentejo*;
-*Loci Jacobi: lugares de Santiago*;
-*Sacra et vetera ars: aspectos da escultura medieval do Baixo Alentejo*.
-*Guia de Museus do Alentejo*

Dr. João Cândido Portinari. Rio de Janeiro.
-*Guerra e paz*;
-*O menino de Brodósqui*;
-*Retrato de Portinari*.

Dra. Maria Garganté Llanes. Catalunha, Espanha.
-*Alba daurada: L'Art del retaule a Catalunya*.

Prof. Francisco Portugal Guimarães. Bahia.
-*Mirabeau Sampaio: 100 anos*.

Msc. Mónica Bahamondez Prieto. Chile.
-*Conserva: Revista del Centro Nacional de Conservación y Restauración. Nº 15 e 16*.

Dras. Paula Cardona e Fátima Eusébio. Portugal
Viana do Castelo: Portugal 750 anos. e vários Catálogos sobre Viana do Castelo e o Litoral Norte de Portugal

ARTE SACRA NO BRASIL COLONIAL



A Editora C/Arte, a Fapemig, e a professora **Adalgisa Arantes Campos** acabam de lançar o livro *Arte Sacra no Brasil Colonial*. O evento ocorreu no dia 03 de março, na Biblioteca Pública Luiz de Bessa, Belo Horizonte/MG.

Arte Sacra no Brasil Colonial, de Adalgisa Arantes Campos, professora do Departamento de História da UFMG, é mais um belo trabalho de pesquisa transformado em publicação que vem enriquecer os conhecimentos sobre a história da arte sacra no Brasil. Com uma proposta mais ampla do que em seus projetos anteriores, Adalgisa Campos analisa as várias manifestações iconográficas luso-brasileiras sem uma ortodoxia estilística, mas com uma grande preocupação histórica, dando enfoque especial para a compreensão do percurso das manifestações da arte colonial. Para realizar esse trabalho foi essencial o recurso a diversas fontes como levantamentos arqueológicos, cartográficos e fontes manuscritas, concomitantemente as análises tradicionais da iconografia das construções religiosas.

Dessa forma, o livro oferece ao público acadêmico um minucioso trabalho de pesquisa histórica com uma nova abordagem sobre a história da arte sacra brasileira, mas também proporciona ao público em geral, como afirma Francisco Taborda, SJ, a oportunidade de, ao regressar “às origens da fé de nosso povo, termos a chance de compreender melhor nossa própria idiosincrasia como nação”. O livro integra a Coleção História & Arte, coordenada por Marília Andrés. É composto por 144 páginas e foi editado em formato brochura (15,5 x 22,5 cm) em cores. Pode ser adquirido no site da Editora C/Arte: www.comarte.com e nas principais livrarias do país.

Foto: Cecor/Cláudio Nadalin



Figura 1- Menino Jesus. 34 cm de altura. Escultura em madeira policromada, com almofada, grande laço e buquê em têxteis. Leiria, Portugal.

BACHARÉIS EM CONSERVAÇÃO- RESTAURAÇÃO NA EBA/UFMG

Maria Regina Emery Quites

Pioneira no ensino e na pesquisa da conservação-restauração no Brasil, em 1978 a Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) criou o curso de especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, que se tornou marco referencial na formação de restauradores no país. A partir de 1980, com a criação do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor), o curso passou a funcionar em ambiente mais adequado às suas especificidades. O curso abriu caminho para que fossem criados na EBA, o mestrado e o doutorado em Artes, em 1995 e 2006, respectivamente.

Em 2008, baseada na experiência conquistada ao longo de trinta anos, a Escola de Belas Artes da UFMG fortaleceu sua iniciativa pioneira, com a criação do bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. O curso possui corpo docente qualificado, em sua maioria doutores, com dedicação exclusiva e vasta experiência profissional. Outro aspecto que contribui para este fortalecimento é a atuação de forma efetiva, na pesquisa e extensão, através de vários projetos, entre eles, mais recentemente, os de restauração dos retábulos de Aleijadinho (Nova Lima), da restauração do Museu Padre Toledo (Tiradentes) e a participação na restauração dos painéis Guerra e Paz de Portinari.

A busca pela excelência constitui um dos pilares do curso. Vários alunos já participaram de projetos de iniciação científica, recebendo prêmios e menções honrosas na Semana do

Conhecimento da UFMG em 2009, 2010 e 2011.

A internacionalização do curso faz-se presente no Programa de Intercâmbio Internacional para Graduação com a participação de vários alunos em universidades do exterior, como Portugal, Itália e México. Por outro lado, alunos de outros países, como México, Congo, Espanha, e também alunos de outros estados brasileiros têm participado do curso.

Em dezembro de 2011 alguns dos primeiros alunos do curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis apresentaram e defenderam o Trabalho de Conclusão: Amanda Cristina Alves Cordeiro, Elis Marina Mota, Giulia Villela Giovani, Janes Mendes Pinto, Layla Silveira Borgatti, Nelyane Gonçalves Santos, Thais Gontijo Venuto e Yukie Noce Watanabe.

Destacamos um desses trabalhos, por estar em sintonia com o artigo deste boletim, realizado e defendido pela aluna Amanda Cordeiro e intitulado: Conservação-Restauração dos complementos em têxteis de uma imagem do Menino Jesus (FIG. 1). Trata-se de uma escultura de pequena dimensão (34 cm de altura), com almofada, faixa e buquê em têxtil, procedente de Leiria, Portugal.

CEIB

Presidente de Honra:
Myriam A. Ribeiro de Oliveira
Presidente:
Beatriz Coelho
Vice-Presidente:
Maria Regina Emery Quites
1ª Secretária:
Ieda Faria Hadad Viana
2ª Secretária:
Carolina Maria Proença Nardi
1ª Tesoureira:
Elayne Granado Lara
2ª Tesoureira:
Elizabeth Alves Kiefer
Estagiárias:
Daniela Cristina Ayala
Vanessa Taveira de Souza

ENDEREÇO

Escola de Belas Artes da UFMG
Cecor, 2º andar
Av. Antônio Carlos, 6.627
31.270-010 Belo Horizonte, MG
ceib@ceib.org.br
www.ceib.org.br

BOLETIM

ISSN: 1806-2237

Projeto gráfico, arte e editoração:
Helena David, Beatriz Coelho
Tiragem 500 exemplares
Periodicidade: quadrimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB.

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.